



DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

ANGÉLICA DENISE DA SILVA

**A IDENTIDADE DA PERSONAGEM FEMININA: UMA LEITURA
DE LUCÍOLA, DE JOSÉ DE ALENCAR**

GUARABIRA
2014

ANGÉLICA DENISE DA SILVA

**A IDENTIDADE DA PERSONAGEM FEMININA: UMA LEITURA
DE LUCÍOLA, DE JOSÉ DE ALENCAR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Letras, da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência para
obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador(a): Profa. Dra. Rosângela
Neres Araújo da Silva.

GUARABIRA
2014

S586i Silva, Angélica Denise da
A identidade da personagem feminina [manuscrito] : uma
leitura de Lucíola, de José de Alencar / Angelica Denise da Silva. -
2014.
16 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Rosângela Neres Araújo da Silva, Departamento
de Letras".

1. Romance Brasileiro. 2. José de Alencar. 3. Lucíola. 4.
Literatura Brasileira. I. Título.

21. ed. CDD B869.3

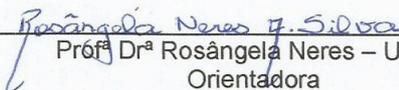
ANGÉLICA DENISE DA SILVA

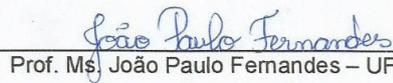
**A IDENTIDADE DA PERSONAGEM FEMININA: UMA LEITURA DE
LUCÍOLA, DE JOSÉ DE ALENCAR**

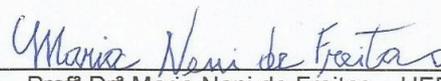
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Aprovado em 18 de julho de 2014.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Rosângela Neres – UEPB
Orientadora


Prof. Ms. João Paulo Fernandes – UFPB
Examinador


Prof.^a Dr.^a Maria Neni de Freitas – UEPB
Examinadora

A IDENTIDADE DA PERSONAGEM FEMININA: UMA LEITURA DE LUCÍOLA, DE JOSÉ DE ALENCAR

SILVA, Angélica Denise da¹

RESUMO

Este trabalho analisa a identidade da personagem feminina em *Lucíola*, obra de José de Alencar. Enumeramos as características da personagem, em contraste com a sociedade em formação no século XIX. Os ideais burgueses e consequentemente a sociedade patriarcal mostram muitas contradições à figura feminina, que se por um lado não se adequa a normas e regras, por outro é obrigada a seguir padrões pré-estabelecidos pela mesma. Observamos, assim, o conflito constante das personagens femininas de Alencar, sobretudo, no romance em análise. A discussão sobre tal conflito baseia-se na fundamentação teórica sobre o papel da mulher na sociedade patriarcal e a personagem feminina no contexto burguês do Romantismo brasileiro, sobretudo na obra de José de Alencar, cujos autores pesquisados são: Candido (1996), Del Priori (2004), Moreira (2012), Ribeiro (1996), Telles (2004), dentre outros.

Palavras-chave: Romantismo. José de Alencar. *Lucíola*. Personagem feminina.

1 INTRODUÇÃO

A literatura é considerada extremamente importante em nossa sociedade. Através dela, podemos expressar nossas necessidades e nos ajudar a supri-las de forma psicológica, formadora/educadora e social, realidade que nos é transmitida através do imaginário. Candido (1996, p. 175) afirma que: “Nas nossas sociedades, a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e efetivo”. A partir disto, evidencia-se o quanto nossa sociedade necessita da literatura, sendo ela utilizada no campo

¹ Formanda em Letras, pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, sob a orientação da Profa. Dra. Rosângela Neres A. Silva. E-mail: angelicadeniseuepb@gmail.com

intelectual, educativo e na construção dos seres humanos enquanto sujeitos, bem como na recriação da realidade. Logo, o artista recria livremente a realidade, assim como o leitor recria o contexto do texto literário que lê.

Candido aponta que o surgimento das obras literárias não são fenômenos pontuais, não são criados ao acaso, mas que se trata de um evento de natureza sociológica, relacionado ao contexto social e ideológico em que a obra foi formada. Observemos em “Lucíola” parte do ambiente e do período de sua criação. “Lucíola” de José de Alencar, está relacionada a diversos aspectos do momento que se vivenciava no Brasil no final século XIX.

José de Alencar é um dos mais importantes escritores do cânone brasileiro. Nasceu no Ceará, em 1829, e além de romancista foi também advogado, político e jornalista. Escreveu vários romances, crônicas e poesias. Dentre suas obras mais representativas estão romances como Lucíola, Iracema e Senhora. Também é perceptível na obra de Alencar, diversas personagens femininas, suas heroínas. Nesse sentido, Luís Filipe Ribeiro aponta que:

Suas heroínas, mesmo quando contraditórias, pairam num plano de idealização que as distancia dos seres humanos normais. Elas são convocadas a desempenhar um papel: serem exemplos de comportamento social aceitável e inatacável. Mesmo quando pecadoras, como nossa Lúcia, têm uma essência ética incorruptível que as faz superiores à média cotidiana da vida real. (RIBEIRO, 1996, p. 102).

Lucíola, obra escolhida para esta análise, apresenta-nos uma cortesã, mulher dona de seus desejos, forte e determinada que, ao apaixonar-se por Paulo, rapaz do interior recém chegado ao Rio de Janeiro, transfigura-se e passa por uma mudança significativa de perfil, tornando-se submissa a seu amado e ao amor que lhe purifica a alma. Os protagonistas da narrativa enfrentam as críticas da sociedade burguesa, pois, Lúcia e Paulo não seguem os ideais exigidos daquela época, sendo vítimas da injustiça e da hipocrisia. Sem saída desse contexto, ambos acabam conformando-se ao ideal burguês, que impossibilita Paulo de desposar Lúcia, por ela não ser mais casta.

A obra de Alencar surge para contribuir, de forma especial, à crítica relativa ao contexto vivenciado pelas mulheres, durante o período do Romantismo. No século XIX, havia rígidas regras de conduta e comportamento impostas à mulher, geralmente vista como o “anjo do lar”, a quem cabiam as atividades domésticas e familiares (DEL PRIORI, 2004, p. 20). Alencar desenvolve, então, uma protagonista diferenciada, que tenta afastar-se desse padrão e acaba por pagar as consequências de suas escolhas. No decorrer de “Lucíola”, veremos que as escolhas da personagem foram inevitáveis e, sobretudo, para auxiliar a sua família que estava passando necessidades e doenças.

É impossível ler “Lucíola” excluindo o contexto histórico vivenciado no final do século XIX, durante a ascensão da burguesia. O autor traça um perfil desse contexto e nos apresenta personagens condicionados a padrões e preceitos, a estereótipos e preconceitos. Nesse sentido, a imagem que temos inicialmente de Lúcia, é leviana e independente, mas acaba por se diferenciar ao longo da narrativa, para adequar-se aos padrões românticos. A identidade da personagem é modificada, para que ela sofra as consequências de seus próprios atos. Por outro lado, o próprio Paulo, que inicialmente encanta-se com Lúcia, no decorrer de sua adequação à sociedade burguesa, acaba por rejeitá-la.

Diante desta discussão inicial, iremos observar no decorrer do trabalho: “A mulher e a sociedade burguesa”, em que estão apresentadas as características presentes nas mulheres que seguiam o ideal burguês; “As mulheres de Alencar”, em que mostramos o perfil de algumas das heroínas do autor em sua obra; e por fim, “Lucíola um retrato da sociedade burguesa”, apresentando as características da personagem Lúcia, na sociedade romântica burguesa.

2 A MULHER E A SOCIEDADE BURGUESA

Para iniciarmos essa discussão, vamos refletir acerca das características da sociedade burguesa no século XIX. Pertenciam a esse segmento social as

peessoas que possuíam fortuna, empregos de repercussão, educação europeia e bens de família ou de herança. Percebemos que, no Brasil, a imitação e preservação dos ideais burgueses tentavam aproximar o país à sociedade europeia (TELLES, 2004).

Alencar ressalta em “Lucíola” uma identidade nacional brasileira e uma identidade burguesa. Não havia no Brasil uma burguesia plenamente estabelecida, mas a sociedade carioca dos salões e do luxo já mostrava pontos de consolidação. O romance de José de Alencar oferece uma representação social burguesa dessa sociedade carioca em construção.

Nesse contexto, verificamos o papel da mulher. Elas eram destinadas à maternidade, a administrar o lar e educar os filhos. De acordo com esses ideais, a mulher que assumia seu papel e cumpria as tarefas de esposa era vista como força do bem, porém, se acontecesse o oposto ela passaria a ser vista como potência do mal. Telles afirma que:

Excluída de uma efetiva participação na sociedade, da possibilidade de ocuparem cargos públicos, de assegurarem dignamente a sua própria sobrevivência e até mesmo impedidas do acesso à educação superior, as mulheres no século XIX ficavam trancadas, fechadas dentro de casas ou sobrados, mocambos e senzalas, construídos por pais, maridos, senhores. Além disso, estavam enredadas e constringidas pelos enredos da arte e ficção masculina. Tanto na vida quanto na arte, a mulher no século passado aprendia a ser tola, a se adequar a um retrato do qual não era a autora. As representações literárias não são neutras, são encarnações “textuais” da cultura que as gera. (TELLES, 2004, p. 408).

O perfil da mulher, nesse sentido, empenhava-se em representar a “mãe burguesa” daquela época. Como era-lhe vetada a esfera pública, as altas responsabilidades da organização do lar, do casamento e dos filhos eram exigidas dela, para que pudesse ser reconhecida como um ser de bom caráter, comportamento e costumes. Era ainda a “mãe educadora”, àquela a quem cabia a educação dos filhos, geralmente, feita em casa. E representava também o “anjo submisso e obediente”, a quem cabiam características como doçura, facilidade em perdoar e delicadeza de espírito, sobretudo, a partir da constatação de que ela era mais frágil do que o homem, tanto fisicamente

quanto psicologicamente. Sobre essas constatações, Jurandir Freire Costa (*apud*. TELLES, 2004, p. 235) cita que:

A mulher era mais frágil fisicamente que o homem. Dessa fragilidade, inferia-se a delicadeza e a debilidade de sua constituição moral, com a ajuda dos estereótipos correntes sobre a personalidade feminina. Procedimento semelhante era usado na descrição da “natureza” masculina. A “força” e o “vigor” migravam do físico ao moral, marcando os traços sócio-sentimentais da personalidade do homem. O amor, colocado no vértice de confluência das características físicas e morais, servia de referência à distinção entre os sexos.

Assim, a mulher que desvirtua-se dos estereótipos, fazia-o pela própria natureza sentimentalista, frágil, emotiva e modesta. Essas características também serviam para excluí-la da esfera pública da sociedade, concebendo-se que ela seria incapaz de assumir um posicionamento, de tomar atitudes e decisões.

A sociedade patriarcal ligada a valores burgueses buscava fazer da mulher uma criatura totalmente desprendida das responsabilidades e repercussões públicas e quando ela rompia os padrões e impunha certa liberdade de atitudes ou palavras, era tida como desvirtuada ou psicologicamente perturbada (DEL PRIORI, 2004, p. 61).

O narrador de Alencar representa em Lúcia o perfil de mulher contrário ao padrão exigido à mulher romântica e burguesa do século XIX, mostrando uma personagem com atitude, que era a dona dos salões e que detinha certa posse de bens. Mesmo que viesse o conflito dos amores proibidos e da situação social adversa, as razões pelas quais Lúcia precisava manter-se grandiosa na sociedade eram nobres. Lúcia pretendia, dentre outras coisas, manter a irmã Ana longe do triste destino vivido por ela. Se por um lado Lúcia é a mulher desafetuosa dos salões, por outro possui atos nobres e virtuosos.

Nesse sentido, vemos na obra de Alencar, uma crítica ao desvirtuamento da mulher aos olhos dos padrões da burguesia e da sociedade patriarcal. Nem sempre havia uma escolha para essas heroínas e elas acabavam por trilhar caminhos contrários aos preceitos e regras, para poder sobreviver ou ajudar a família. A exemplo de Lúcia, muitas vezes por inocência

e desespero, eram enganadas por homens despidorados, pela necessidade de urgências que as impeliam a romper as normas de conduta e comportamento, impostas pelos ideais burgueses.

3 AS MULHERES DE ALENCAR

O romancista José de Alencar tornou-se conhecido pela constância de personagens femininas diferentes e fortes, em sua obra. Grande parte de suas narrativas possuíam protagonistas que fugiam do padrão imposto pela sociedade burguesa e patriarcal. Em suas páginas, muitas protagonistas vivenciaram histórias de superação e resgate da condição permitida a essas mulheres, mas sempre no tocante ao arrependimento e a punição, uma vez que estamos falando de contextos do Romantismo.

Alencar foi admirador das mulheres. Sua convivência na infância se deu no meio delas e desde cedo emocionava o público feminino com leituras de romances e novelas, em que elas tinham papel central. O interesse em escrever surgiu supostamente devido a esse hábito de sua infância. Segundo o próprio Alencar: “Foi essa leitura contínua e repetida de novelas e romances que primeiro imprimiu em meu espírito a tendência para essa forma literária que é entre todas a de minha predileção.” (ALENCAR, 2005, p. 29). Acredita-se que o autor teria utilizado como inspiração a imagem de sua mãe, fato que nos ajuda a compreender os motivos pelos quais ele busca temáticas e protagonistas do mundo feminino.

Mas não tivesse eu herdado de minha santa mãe a imaginação de que todo mundo apenas vê flores, desbotadas embora, e de que eu somente sinto a chama incessante; que essa leitura de novelas mal teria feito de mim um mecânico literário, desses que escrevem presepes em vez de romances. (ALENCAR, 2005, p. 30)

A protagonista de Alencar desempenha outros papéis e não teria o autor se submetido a copiar os estereótipos da sociedade do século XIX, mostrando que muitas dessas mulheres, pela própria condição de desigualdade imposta a

elas, acabavam por ser enganadas e desviadas de seus anseios e sonhos (MOREIRA, 2012).

É notório que essas heroínas procuravam caminhos distintos dos quais haviam sido obrigadas a seguir. Como espelhos da sociedade patriarcal, elas também sonhavam com o casamento e a vida regrada da sociedade. A própria Lúcia, após passar o dia cuidando da casa e de seu amado Paulo, afirma: “Foi o dia mais feliz da minha vida.” (ALENCAR, 1995, p. 86).

O mesmo se repete com outras personagens de Alencar, como Emília e Aurélia, em *Diva* (1862) e *Senhora* (1875), respectivamente. Essas mulheres são ricas, possuem repercussão nos salões e na Corte, mas aspiram ao amor e a vida considerada digna e feliz do ideal romântico. Entretanto, são vítimas da própria sociedade e suas regras, em que uma mulher não tem capacidade de administrar a própria fortuna e, conseqüentemente, precisam da figura masculina para viver de acordo com as aparências estabelecidas por essa sociedade.

Segundo Moreira (2012, p. 36), a crítica mais representativa de José de Alencar está em mostrar que, mesmo enfrentando adversidades e a falta de escolhas, a protagonista de seus romances ao mesmo tempo que desenvolve sua sobrevivência no idealismo romântico da época, acaba sendo obrigada a reconhecer e a retornar aos padrões impostos pela sociedade.

4 LUCÍOLA: UM RETRATO DA SOCIEDADE BURGUESA

No início do século XIX, a vida urbana era praticamente inexistente no Brasil, uma vez que ainda tínhamos um imenso país rural. No decorrer do século, vê-se que a sociedade brasileira sofre uma série de transformações que possibilitam a expansão da população para as cidades, e essas deixam de ser um apêndice do campo. Surge, então, uma nova forma de organização social, e a ascensão a burguesia promove uma nova forma de reorganização das vivências familiares, domésticas, femininas e uma nova forma de pensar sobre o amor (MOREIRA, 2012, p. 46).

Há uma crescente hierarquização na vida social com o surgimento da burguesia, que enaltece a forma de vestir, se comportar, morar, trabalhar, e tudo isso seria significativo para diferenciar a classe social das pessoas. Em “Lucíola”, essa sociedade está fortemente representada:

Todas as raças, desde o caucasiano sem mescla até o africano puro; todas as posições, desde as ilustrações da política, da fortuna ou do talento, até o proletário humilde e desconhecido; todas as profissões, desde o banqueiro até o mendigo; finalmente, todos os tipos grotescos da sociedade brasileira desde a arrogante nulidade até a vil lisonja, desfilaram em face de mim, roçando a seda e a casimira pela baeta ou pelo algodão, misturando os perfumes delicados às impuras exalações, o fumo aromático do havana às acres baforadas do cigarro de palha. (ALENCAR, 1957, p. 25).

No romance, essa ênfase na vida urbana é representada pelos protagonistas, tanto Lúcia quanto Paulo. Em 1855, Paulo migra do interior para o Rio de Janeiro e vai à festa da Glória, “uma das poucas festas populares da corte”, acompanhado de um amigo de infância, o Dr. Sá. Estando ali, Paulo observa cuidadosamente as distintas pessoas que se faziam presentes, pequenos detalhes eram usados para diferenciar a burguesia das demais classes, detalhes tais como: um perfume comprado à Rua do Ouvidor ou o odor de algum perfume barato; vestir-se de seda ou de algodão; fumar os caros havanas ou o velho cigarro de palha.

Seguir a moda da época era algo fundamental para diferenciar e atribuir a que classe pertenciam as pessoas. Lúcia, por sua vez, era uma cortesã que fazia parte da Corte, frequentava festas da alta sociedade, e Paulo, o narrador de Lucíola, descreve o amor à primeira vista quando a viu na festa, pensando obviamente que ela era uma senhora:

Admirei-lhe do primeiro olhar um talhe esbelto e de suprema elegância. O vestido que a moldava era cinzento com orlas de veludo castanho, e dava esquisito realce a um desses rostos suaves, puros e diáfanos que parecem vão desfazer-se ao menor sopro, como os tênues vapores da alvorada. (ALENCAR, 1957, p. 26).

Aos padrões da burguesia, o modo de vestir-se de Lúcia permite que ela seja aceita pela Corte, que possa transitar pelos salões e receber atenções. Esse é um valor simbólico, uma alegoria que mostra, mais uma vez, o quanto a sociedade age pelas aparências.

Lúcia fitou-me por muito tempo, e chegou-se ao espelho para dar os últimos toques ao seu traje, que se compunha de um vestido escarlate com largos folhos de renda preta, bastante decotado para deixar ver as suas belas espáduas, de um filó alvo e transparente que flutuava-lhe pelo seio cingindo o colo, e de uma profusão de brilhantes magníficos capaz de tentar Eva, se ela tivesse resistido ao fruto proibido. Uma grinalda de espigas de trigo, cingia-lhe a fronte e cala sobre os ombros com a basta madeixa de cabelos, misturando os louros cachos aos negros anéis que brincavam. (ALENCAR, 1957, p. 109)

É a importância dos objetos sobre as pessoas e o preço com o qual se compra a dignidade e a frequência na Corte. Ao olhar desprezioso, Lúcia é uma bela mulher rica, provavelmente virtuosa e comprometida, características inferidas apenas por suas vestes e posses. Os utilitários ou símbolos de status conseguem mascarar a realidade da moça cortesã e a permitem andar livremente pelos salões. Ela demarca seu status na sociedade e não mostra recato. Nesse momento, para Paulo, Lúcia apresenta diversas características da mulher idealizada do Romantismo. Entretanto, a partir do momento em que se relaciona com ela, percebe que possui uma natureza diferenciada:

Quando Voltei, a minha casa de homem solteiro tinha sofrido uma alteração completa. Os vidros que em quinze dias já tinham adquirido uma crosta espessa dessa poeira clássica do Rio de Janeiro, como é clássica a lama de Paris; Os vidros que brilhavam na sua límpida transparência entre os bambinelas de caça que um armador acaba de pregar. Os moveis espanejados tinham mudado de lugar, tomando a posição melhor, e formando esse quadro harmônico, que o olhar de uma mulher esboça com a rapidez do pensamento; Porque ele tem em si o instinto da forma, como a luz encerra a diversidade de cores que reflete sobre os objetos. Do recosto do sofá e das cadeiras pendiam lindas cobertas a crochê; nos vasos dos consolos se expandiam ramos de flores que embalsamavam a sala. (ALENCAR, 1957, p. 142).

Lúcia era assim um contraste: enquanto a prostituta da noite é a cortesã adorada pelos homens, porém condenada e temida pela sociedade burguesa,

a mulher que revestia-se de personagens, a doce amante do dia é a encarnação do “anjo do lar” e o modelo da mulher da sociedade patriarcal. Enigmática, um ser no qual se podia enxergar o bem e o mal, a pureza e a imprudência e uma série de sentimentos e ações contraditórios, Paulo sente-se confuso sobre a sua personalidade. À princípio, acredita na pureza do corpo e alma de Lúcia, a descrevendo com certa inocência: “Que linda menina! [...] Como deve ser pura a alma que mora naquele rosto mimoso!” (ALENCAR, 1957, p. 29). O mesmo acontece no segundo encontro, em que Paulo se dirige ao amigo Sá e pergunta: “Quem é esta senhora?” E o amigo responde: “Não é uma senhora, Paulo! É uma mulher bonita”. Paulo entende, mas se encanta pela alma de Lúcia à primeira vista. Estando não ainda contaminado pelos preceitos da sociedade burguesa, o rapaz enxerga em Lúcia um exemplo da virgindade e da pureza que todo homem anseia em uma esposa.

Observemos o trecho da narrativa onde Lúcia se transfigura. A pureza está apenas em sua alma, mas segundo os moldes patriarcais burgueses, seu corpo é indigno, corrompido pelo pecado:

Era outra mulher. O rosto cândido e diáfano, que tanto me impressionou à doce claridade da lua, se transformara completamente: tinha agora uns toques ardentes e um fulgor estranho que o iluminava. Os lábios finos e delicados pareciam tímidos dos desejos que incubavam. Havia um abismo de sensualidade nas asas transparentes da narina que tremiam com o anélito do respiro curto e sibilante, e também nos fogos surdos que incendiavam a pupila negra. Era uma transfiguração completa. (ALENCAR, 1957, p. 41)

Paulo não consegue compreender a dualidade de Lúcia, ora uma menina que consegue chorar ao receber um beijo e noutra, a mulher dos salões que se entrega vorazmente ao desejo dos homens e, em seguida, estende a mão para receber pela noite de prazer oferecida. Essa dualidade caracteriza a ambivalência do feminino, que concentra diversos sentimentos e atitudes para moldar-se aos exigidos papéis sociais.

A Lúcia não admite que ninguém adquira direitos sobre ela. Façam-lhe as propostas mais brilhantes: sua casa é sua e somente sua; ela o recebe, sempre como hóspede; como dono, nunca. Na ocasião em

que o senhor a toma por amante, ela previne-o de que reserva-se plena liberdade de fazer o que quiser e de deixá-lo quando lhe aprouver, sem explicações e sem pretextos, o que sucede invariavelmente antes de seis meses; está entendido que lhe concede o mesmo direito. (ALENCAR, 1957, p. 47).

Esta é, portanto, a Lúcia que se difere das mulheres do ideal burguês, não permitindo que homem algum a domine. A própria Lúcia regula os dias em que Paulo poderá frequentar sua casa, mas pouco a pouco vai adequando-se a esse ideal ao apresentar sinais de mudança de comportamento, de submissão, humildade, provavelmente ao descobrir que está apaixonada pelo rapaz. Vejamos:

Ela recebeu-me com brandura. Tinha os olhos rubros e pisados de lágrimas: apertando minha mão, beijou-a. Que pretendia ela exprimir com esse movimento! Seria a imagem viva da humildade fidelidade do cão, afagando a mão que o acaba de castigar? (ALENCAR, 1957, p. 100).

No momento em que percebe que Paulo é a sua salvação, apesar de transgredir com alguns valores burgueses, Lúcia carrega consigo o desejo de ser salva ou seja, de se redimir, a protagonista mostra a fragilidade e o respeito cabíveis às mulheres da época romântica. No entanto, o próprio Paulo também se modifica, passando de rapaz compreensível e inocente a um reprodutor das normas impostas pelo pensamento patriarcal. Era intenção do rapaz acumular riquezas e, posteriormente, casar-se.

A partir do momento que descobre a verdade sobre o passado de Lúcia, Paulo envergonha-se de seus julgamentos. Lúcia revela que é na realidade Maria da Glória, e que o fato de ter se tornado uma cortesã não foi por acaso, mas para cuidar de sua família que passava por uma crise de febre amarela e não possuía boas condições financeiras. Ao pedir auxílio a Couto, um dos amigos do Dr. Sá, é obrigada a se prostituir para ajudar a família e acaba sendo expulsa de casa pelo pai, não restando-lhe outra alternativa.

Ela sabe que Paulo não pode se casar com ela, pois não possui mais a virgindade, mas também é impossível que ele se case com outra mulher, pois o amor deve ser a pedra fundamental do matrimônio e ele ama Lúcia. Ao descobrir que carrega em seu ventre um filho, ela se desespera e adocece

gravemente, por se considerar indigna de gerar um filho de seu único amor. Antes de morrer, porém, pede a Paulo que cuide de sua irmã Ana até que ela se case e que a mantenha longe da prostituição.

Os ideais românticos são, então, endossados no desfecho de “Lucíola”. Os erros do passado são punidos com a morte da personagem feminina, pois jamais seria permitido a Lúcia e Paulo viverem felizes dentro de uma sociedade de padrões rígidos sobre o casamento e a virgindade. Alencar revela em sua obra a injustiça que relega os amantes à separação e à infelicidade, em detrimento da consolidação do amor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cientes da importância da literatura em nossa sociedade e sabendo que a mesma permite-nos recriar a realidade, partimos para uma leitura da personagem feminina em “Lucíola”, romance urbano de José de Alencar. Vimos que a sociedade patriarcal era rígida na manutenção dos valores burgueses que condicionavam a figura feminina ao lar, aos filhos e ao casamento.

Em “Lucíola”, encontramos uma personagem diferente desse padrão e deslumbrante, dona dos próprios desejos e dos próprios bens. Entretanto, essa mesma personagem busca a salvação e a redenção pelas escolhas que precisou seguir, para ajudar a família que estava morrendo de febre amarela. Sobretudo, busca salvar a irmã do caminho de pecados que foi obrigada a seguir. Seu amor por Paulo, um jovem recém chegado ao Rio de Janeiro, desperta nela uma grande transformação e ela entende que é preciso modificar o curso de seu futuro, abandonar os salões e a vida de luxos e futilidades.

Ao fazer Lúcia obedecer aos padrões exigidos pela sociedade, Alencar mostra uma sociedade mesquinha e impiedosa, que nega aos amantes uma vida a dois, conseqüentemente, separando-os através das injustiças das regras e normas de conduta e castidade. A morte de Lúcia é um símbolo da crueldade dessas normas, que estabelecem o papel que a mulher deve manter para alcançar a felicidade.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. **Lucíola**. 4^oed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.
- CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. 9^a ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- DEL PRIORI, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.
- MOREIRA, Greiciellen Rodrigues. **Representações femininas e identidade nacional: uma leitura alegórica de Lucíola e Senhora, de José de Alencar**. Dissertação de Mestrado. Montes Claros: Universidade Estadual de Montes Claros, 2012.
- RIBEIRO, Luís Filipe. **Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis**. Niterói/RJ: Editora da UFF, 1996.
- TELLES, Norma. **Escritoras, escritas, escrituras**. In: DEL PRIORI, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.